

O GREGO MODERNO

COMO VIA DE ACESSO AO GREGO CLÁSSICO

Muitos de nós (porventura a maioria) chegamos ao grego moderno após vários anos de aprendizado e de docência de grego clássico. Sabemos, portanto, como se justifica a fama de grande dificuldade inerente ao grego antigo: extraordinária *riqueza vocabular; morfologia complexa*, onde coexistem formas alternativas, aspectos arcaicos e outros inovadores, sistema verbal multifacetado e fundamentado em noções que exigem um certo esforço de compreensão por parte dos alunos e elevada capacidade didática por parte dos professores; *sintaxe complicada* e onde quase tudo é importante; *grande variedade e diferenciação dialetais* e níveis linguístico-literários razoavelmente caracterizados, mas em geral de natureza compósita; *aspectos fonéticos* a cuja explicação não se pode fugir, mas nem sempre fáceis de expor a iniciados; etc., etc.

A juntar a tudo isto, a condição (tal como o latim) de língua que se aprende, ensina e estuda do ponto de vista eminentemente livresco: é uma língua para ser *lida* (mal, claro) e penosamente *traduzida* à força de dicionário e gramática.

Passados muitos anos de estudo habitual, ainda lutamos arduamente com um texto que de súbito nos aparece à nossa frente.

Convenhamos que é demasiado esforço para frutos tão magros.

Podem-se ensaiar métodos audio-visuais; podem-se modernizar métodos antigos de memorização e até de compreensão dos vários aspectos da gramática e do vocabulário; podem mesmo planear-se conscienciosamente métodos que vão, com a máxima cautela, do extremamente simples até ao mais complicado; até se pode iniciar o estudo da língua a par-

tir, por exemplo, da *Ilíada*, dum discurso ou duma comédia... Os resultados, mesmo nas melhores condições de ensino e de aprendizado, continuarão a ser desanimadores: basta comparar com o que se consegue no estudo das línguas modernas.

Ora, precisamente, a ninguém ocorre empreender o estudo do francês, do inglês ou de qualquer outra língua moderna, tomando por base e ponto de partida os períodos mais antigos dessas línguas. Mais tarde, e por motivos perfeitamente delimitados (formação universitária, docência, investigação...), surgirá a necessidade de iniciação na língua arcaica, e então revelar-se-á a utilidade que provém do domínio perfeito (ou só razoável) das estruturas lexicais e gramaticais duma língua que, com algum espanto, verificamos que não variou tanto como em abstracto se esperaria; a própria linguagem arcaica se torna, apesar de tudo, bastante mais viva, e, paradoxalmente, a caminhada que se percorreu às arrecuas do tempo retoma o seu sentido cronológico normal: daí uma compreensão mais profunda do fenómeno linguístico.

Ora, e diversamente do que se passou com o latim, *a língua grega seguiu uma linha evolutiva perfeitamente identificada com uma única estrutura geral*. Guardadas as devidas proporções (explicáveis pelos diversos intervalos de tempo considerados), uma comédia de Aristófanes está para o grego moderno como, p. ex., a *Chanson de Roland* para o francês dos nossos dias.

Parece, pois, defensável uma metodologia de acesso ao grego clássico através da iniciação na língua neo-helénica. Nem julgamos necessário, perante uma assistência conhecedora do assunto, demonstrar a unidade estrutural da língua grega, desde a época micénica ao séc. XX. Basta mencionar, de passagem, os pontos mais salientes: flexão nominal e tipos morfológicos (com novo agrupamento da "3ª" declinação); flexão verbal (com agrupamento sistemático nos dois grandes grupos tradicionais, com a manutenção do aspecto verbal e até com formas "irregulares"); conjunções, preposições, advérbios; composição e derivação; tesouro vocabular de forte concentração antiga; etc., etc.

Para além duma certa simplificação gramatical, o grego moderno apresenta a vantagem, pedagogicamente inestimável, de ser ensinado e aprendido como língua viva que é. Ao fim de dois anos de estudo bem o

orientado, e num total de cerca de 150 horas, pode esperar-se que o aluno domine as estruturas básicas da língua e conheça (activa + passivamente) cerca de 2000 vocábulos. Em comparação com o que se passa relativamente ao grego clássico, não está nada mal.

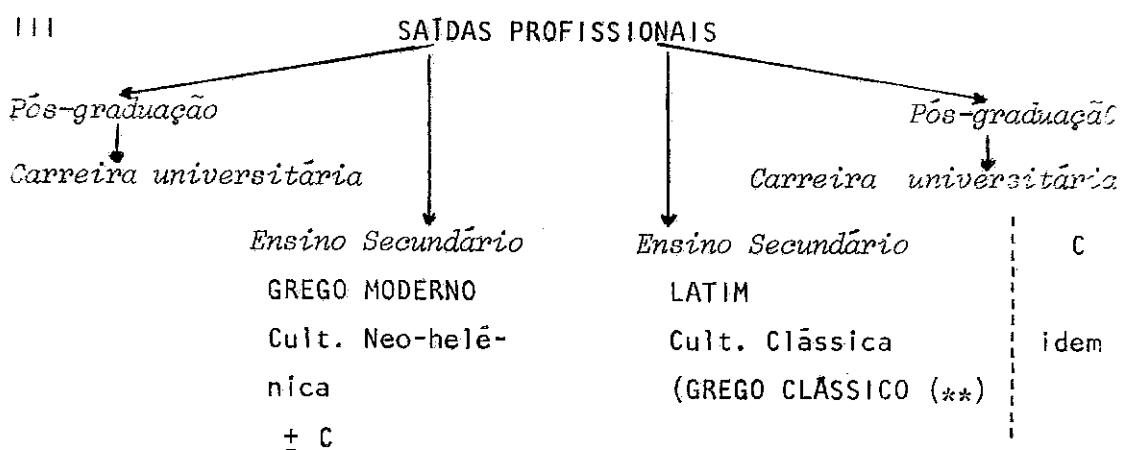
Com tudo isto, não entendo o estudo do grego moderno única e exclusivamente como metodologia de acesso ao grego clássico. De facto, para além disso e de aspectos práticos e gerais (como sejam a maior facilidade de intercâmbio cultural, económico, turístico...), a iniciação no grego moderno pode, e deve, para muitos estudantes, visar directamente uma formação universitária em estudos neo-helênicos.

Basicamente, após dois anos de estudo do grego moderno no ensino secundário, o aluno deverá ter a possibilidade de prosseguir (ainda nesse grau de ensino ou já na Universidade) o estudo da língua neo-helênica, ou, por outro lado, derivar para o grego clássico. Nalguns casos, i. é, *segundo a solução de cada País*, o grego moderno ou o grego clássico poderão ser associados a outra componente de formação profissional (Latim, História, Língua Moderna, incluindo a língua pátria,...).

Para abreviar, sugerimos o esquema seguinte, que não pretende ser mais que uma proposta de reflexão:

I			ENSINO SECUNDÁRIO		
	A (Moderno)		B (Clássico)		A + C
2 anos		GREGO MODERNO	LATIM (≥ 2 anos)		LATIM/ HISTÓRIA/ LÍNGUA MODERNA
1 ano	Cultura Neo-helênica		Cultura clássica	
? (*)	GREGO MODERNO		(*) GREGO CLÁSSICO		
II			ENSINO UNIVERSITÁRIO		
	ESTUDOS NEO-HELÊNICOS GREGO MODERNO		ESTUDOS CLASSICOS LATIM		idem
	(currículo de Est. Neo-Helênicos: Hist., Cult., Lit.,...± C)		GREGO CLÁSSICO (currículo de Est. Clássicos)		

(*) 1 ou mais anos, caso haja cabimento no currículo.



NOTA A 1 — Os alunos de A, que tivessem optado por C = LATIM, poderiam enveredar, na Universidade, por Estudos Clássicos, desde que:

- a) Fizessem a cadeira de Cultura Clássica;
- b) Fizessem a cadeira de Grego Clássico (se esta existir no currículo do Ensino Secundário)

CONCLUSÃO

Caso os colegas considerem justas as ideias expostas, conviria que desta Assembleia saísse um conjunto de recomendações *gerais* a fazer a cada um dos Países aqui representados, deixando-se, naturalmente, a cada País a escolha do *modus faciendi*.

1. Quanto às recomendações *gerais* proponho:

a) Que os professores de grego moderno de cada País elaborem uma proposta convenientemente fundamentada e convincente, que demonstre a importância do grego moderno como metodologia de acesso ao grego clássico (para lá do valor próprio do grego moderno no mundo actual);

b) Que os professores de grego moderno de cada País, apoiados oficialmente por esta Assembleia, requeiram das autoridades competentes dos respectivos Países a organização dum encontro de docentes de grego moderno e de grego clássico, onde a questão seja estudada em conjunto e em profundidade, nomeadamente (caso se chegue a acordo) nos

(**) - Caso conste do currículo do Ensino Secundário (V. nota p. ant.).

aspectos práticos de reconversão profissional dos docentes (ou parte dos docentes) de grego clássico.

Aqui entram em jogo as condições *particulares* de cada País. No entanto, podemos sugerir:

2. *Modus faciendi*:

a) Nos casos em que, após a iniciação no grego moderno, ainda houvesse lugar nos currículos para o grego clássico, parte dos respectivos docentes continuariam a desempenhar as mesmas funções que até então;

b) Com a inclusão da disciplina de Cultura Clássica, proporcionar-se-ia a muitos docentes manterem-se dentro da sua área de formação, ensinando aquela matéria em vez de grego clássico;

c) Os docentes de grego clássico que o desejassem, deveriam frequentar um curso de formação em grego moderno, para o qual lhes seriam dadas todas as facilidades, com dispensa total de serviço docente e condições para o seu agrupamento, durante 1 ano lectivo, em determinadas zonas onde funcionassem os cursos. Em caso de necessidade, as autoridades gregas deveriam dar o seu apoio em pessoal e material bibliográfico e audio-visual. No fim do ano lectivo, as autoridades gregas ofereceriam aos futuros docentes um curso intensivo de dois meses em escolas gregas, onde lhes seria destinada uma programação específica (linguística, cultura...);

d) Caso este modo de recrutamento se revelasse insuficiente para as necessidades deste ou daquele País, as autoridades gregas destacariam alguns dos seus professores, durante 1 ano, para os Países onde tal insuficiência se verificasse;

e) Entretanto, as Universidades iriam preparando os seus diplomados, segundo o quadro atrás traçado. Em caso de necessidade, também neste grau de ensino se esperaria o apoio das autoridades gregas.

Custódio Magueijo